

“MÃOS À OBRA E APRENDEI O QUE É PRÓPRIO A CADA CULTURA”: UMA NOVA TRADUÇÃO POÉTICA DAS *GEÓRGICAS* II DE VIRGÍLIO

“SO, COME ON, AND LEARN THE CHARACTER OF EVERY CULTURE”: A NEW POETIC TRANSLATION OF *GEORGICS* II BY VIRGIL



Rafael Guimarães Tavares da SILVA
Professor
Universidade Estadual do Ceará, campus Arati
Arati, Ceará, Brasil
lattes.cnpq.br/7864336413389692
orcid.org/0000-0002-8985-8315
gtsilva.rafa@gmail.com

Resumo: Virgílio é reconhecido por muitos ainda hoje como um dos maiores poetas de todos os tempos. Contudo, seu reconhecimento deve-se sobretudo à *Eneida*, bem como às *Bucólicas*, já que poucas são as pessoas que conhecem sua obra intitulada *Geórgicas*. Apesar disso, durante uma parte considerável da história da recepção de Virgílio, o valor das *Geórgicas* foi amplamente reconhecido, contando entre seus admiradores nomes importantes como os de Montaigne, Dryden e Leopardi. Proponho aqui uma breve introdução crítica para quem queira conhecer não apenas esse importante poema virgiliano, mas alguns aspectos fundamentais da cultura romana de modo geral. Encerro a exposição com uma proposta de tradução poética de *Geórgicas* II para o português contemporâneo, na qual exploro questões apontadas na introdução crítica.

Palavras-chave: Virgílio. *Geórgicas*. Poesia latina. Tradução poética.

Abstract: Virgil is still recognized by many today as one of the greatest poets of all time. However, his recognition is due mainly to the *Aeneid*, as well as to the *Bucolics*, since few are the people who know his work entitled *Georgics*. Despite this, during a considerable part of the history of Virgil's reception, the value of the *Georgics* was well recognized, counting among its enthusiasts such important names as those of Montaigne, Dryden, and Leopardi. I propose here a brief critical introduction for those who want to get to know not only an important poem by Virgil, but some fundamental aspects of Roman culture in general. I close my argumentation with a poetic translation of *Georgics* II into contemporary Portuguese, in which I explore questions presented in the critical introduction.

Keywords: Virgil. *Georgics*. Latin Poetry. Poetic Translation.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Públio Virgílio Maro (70—19 a.C.) é considerado por muitos um dos maiores poetas de todos os tempos. O reconhecimento talvez se deva à enorme importância cultural de seu poema épico, a *Eneida*, recebido pela tradição como uma espécie de epopeia nacional da Roma dos tempos de Augusto. Sua produção poética, contudo, não se restringe a essa obra de maturidade, encontrando realizações magistrais também em suas *Bucólicas*, o conjunto de dez poemas que retoma muito da produção helenística de Teócrito e constitui o mais influente modelo para a poesia pastoral posterior (incluindo aí Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, por exemplo), além de suas bem menos conhecidas *Geórgicas*. Pretendo apresentar uma breve introdução a essa última obra, da qual proponho na sequência uma tradução poética de seu segundo livro: embora esse poema seja menos famoso hoje, acredito que ofereça um material absolutamente incontornável para quem queira compreender a poética de Virgílio como um todo, assim como uma série de características da cultura latina dos tempos de Augusto.

2

Em termos de gênero poético, talvez seja possível considerar as *Geórgicas* como um poema didático dividido em quatro livros, onde a *persona* poética magistral dá lições sobre o cultivo da terra e dos animais, com base no conhecimento das coisas da natureza. Referências fundamentais para esse poema fazem parte da tradição conhecida como didática, tradição que remonta a Hesíodo, com seus *Trabalhos e dias* (o poema “ascreu” mencionado por Virgílio no livro II, v. 176), e que passa ainda por autores helenísticos menos famosos, como Nicandro de Cirene e Arato, chegando até o epicurista romano Lucrécio. Na linha do que sugere Matheus Trevizam (2014, pp. 23–29), falar de um gênero didático para a Antiguidade poderia ser algo problemático pois tal nomenclatura parece ter surgido apenas posteriormente e essa ausência em tratados antigos de poética e retórica poderia sugerir que os próprios antigos não compusessem pensando num gênero didático. Por outro lado, como o estudioso defende, o jogo poético entre as obras de alguns dos autores acima mencionados é explícito o bastante para sugerir a existência de um conjunto de características comuns e diferenciadas da épica, a ponto de ser possível falar de uma “categoria compositiva em alguma medida distinta de todas as demais formas literárias antigas” (Trevizam, 2014, p. 29).

Entendido como um poema didático, escrito em latim na Antiguidade e dividido em quatro livros, com o objetivo de dar lições sobre a vida no campo e seus trabalhos, celebrando a simplicidade campesina, dificilmente pareceria haver algo nesse texto que pudesse atrair a atenção do leitor contemporâneo não especializado em Estudos Clássicos. Acontece, no

entanto, que certa tradição crítica considera essa uma das mais finas realizações poéticas de todos os tempos:

Para continuar seguindo minha rota, sempre me pareceu que, na poesia, Virgílio, Lucrécio, Catulo e Horácio têm de bem longe o primeiro lugar: e assinaladamente Virgílio, em suas *Geórgicas*, que eu estimo a mais bem executada obra da poesia; em comparação à qual é possível reconhecer facilmente que há lugares da *Eneida* em que o autor teria dado ainda algum retoque, se ele tivesse tido tempo. (Montaigne, II.10, 1965, p. 107, tradução minha).¹

Algo análogo se encontra na dedicatória que John Dryden endereçou ao Conde de Chesterfield, a quem ofereceu sua tradução das *Geórgicas* de Virgílio, chamando essa obra de “o melhor poema do melhor poeta” [*the best Poem of the best Poet*] (Dryden, 1709, p. 63). Mais perto de nosso próprio tempo, Giacomo Leopardi (1898, pp. 2474–5) também se refere às *Geórgicas* nos mesmos termos que Dryden [*nel poema piú perfetto del piú perfetto ed elegante poeta latino*].

Alguns latinistas tendem a compreender essa ideia de perfeição das *Geórgicas* em termos formais, como fica evidenciado pelo teor da afirmação de Nelson Romero (1948, p. XIX), quando comenta: “Virgílio consumiu sete anos para compô-lo; limou-lhe com esmero os versos e deu-nos um trabalho incomparavelmente perfeito”. Descontados os exageros com que esse tipo de louvor costuma ser proposto ao apuro poético virgiliano, subsiste em seus versos algo além de seu primor formal, suscitando esse tipo de juízo hiperbólico por parte de alguns dos mais balanceados críticos que a tradição nos legou. Para compreender isso, proponho as considerações seguintes.

A presença da terra no imaginário romano antigo é algo muito forte e atravessa boa parte dos valores desse povo. Isso vem de tempos imemoriais, mas já se dá a ver claramente na vida e na obra de um Catão Censor (234—149 a.C.), verdadeiro depositário do *mos maiorum* [costume dos ancestrais], responsável por incorporar e expor os ideais tradicionais da velha sociedade romana. Em seu manual prático escrito em prosa e intitulado *De agri cultura* (obra traduzida para o português por Trevizam em publicação de 2016), fica evidenciado o papel formador que o trabalho com a terra desempenha tradicionalmente para os romanos. O mesmo pode ser afirmado sobre a vida e a obra de um Varrão de Reate (116—27 a.C.). Esse erudito romano escreve também um importante manual prático em prosa, intitulado *De re rustica*

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. “Mãos à obra e aprendei o que é próprio a cada cultura”: Uma nova tradução poética das *Geórgicas* II de Virgílio. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 01-41, 2023. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v12.n1.2023.47015

(texto também vertido para o português por Trevizam, em 2012), onde alguns dos aspectos mencionados anteriormente são reforçados. Aqui, inclusive, devido às influências da cultura e da erudição de origem helenística, certas formulações parecem evocar importantes debates filosóficos do período, como o jogo entre utilidade e prazer no aprendizado (I.4) ou a oposição entre natureza e cultura (I.6).

Talvez não seja exagero de Henri-Irénée Marrou, no segundo volume de sua *História da educação na Antiguidade*, considerar os romanos um povo de camponeses [*paysans*]. Opondo a preponderância que a agricultura desfrutou na formação da sociedade romana àquilo que foi seu lugar na formação da sociedade helênica — onde a primazia coube antes de tudo à arte da guerra, ainda que a tradição hesiódica tenha exercido uma influência cultural não desprezível —, o estudioso francês sugere que esse aspecto campesino atravessa a língua latina, a educação romana, bem como o cerne de sua ética e sua moral (Marrou, 1948, pp. 12–17).

4 Boa parte da pertinência cultural das *Geórgicas* viria, portanto, não apenas do valor que os trabalhos de cultivo dos campos e dos animais teria no âmbito da civilização romana, mas de sua permanência para além de certo imaginário medieval e, posteriormente, também romântico. Talvez inconscientemente, algo desse imaginário permanece vivo até os dias de hoje, deixando resquícios indeléveis, por exemplo, em nossa língua: quando falamos de cultura, empregamos um derivado do verbo *colere* [cultivar o solo], e o mesmo tipo de associação agrária se encontra em palavras tão abstratas e diversas quanto: leitura (do verbo *legere* [colher]), felicidade (do adjetivo *felix* [fértil]), computar (de *putare* [podar]) e pecúnia (de *pecus* [boi]), entre muitas outras possíveis.

Virgílio recorre a esse imaginário para elaborar um ideal a um só tempo moral e poético: a ideia do cultivo da terra, isto é, da agricultura, como uma forma de cultivo de si. Sem abrir mão da dimensão didática que a tradição romana preza desde as obras de Catão e Varrão, as *Geórgicas* conseguem o feito extraordinário de tecer uma finíssima malha sonora, costurando belas e contundentes imagens, para falar tanto do trabalho agrícola quanto do labor poético. Na linha do que aponta o importante latinista brasileiro cujos trabalhos têm se revelado aqui fundamentais:

[E]mbora o teor evidente da preceituação do *magister* agrário identificado com “Virgílio” (ou seja, com a voz característica dos poemas do gênero a que ele apenas “emprestou” seu nome) sejam as supracitadas práticas de manejo da agricultura, da pecuária e da apicultura, é claro que a obra não se limita a ser uma espécie de manual

“econômico” posto em versos apenas para tornar-se mais facilmente deglutível por fazendeiros... (Trevizam, 2013, p. 24).

Muitas são as passagens e digressões das *Geórgicas* em que, para além de seu sentido mais concreto e imediato, delineiam-se alusões a um conjunto de referências mitológicas, filosóficas, religiosas e poéticas.² A dimensão metalinguística de muitas dessas passagens, inclusive, é fundamental para que se compreenda o que se encontra de fato em jogo no trabalho de Virgílio. Por exemplo: quando o vate enumera as espécies de árvores — vinhas, oliveiras, castanheiras — parece propor aí também um conjunto de alusões a poetas e seus poemas (alguns mais identificáveis do que outros). O mesmo se dá em seu catálogo de vinhas e seus respectivos vinhos. Ou ainda: a menção à possibilidade de enxertar um galho de macieira numa pereira, ou uma ameixeira num corniso, constitui uma profunda reflexão sobre a tradução como forma de enriquecer mutuamente as culturas envolvidas nesse processo.

A dimensão erudita da poesia de Virgílio é inegável (Romero, 1948, p. XXII): isso inclui referências a outros poetas e tradições artísticas, vocábulos técnicos, frequentemente muito específicos, além de alusões a povos e regiões distantes, pouco conhecidos mesmo para os romanos contemporâneos da obra. Tudo isso é característico da poesia alexandrina e de muito do que foi feito sob sua égide, mas o poeta mantuanense recorre criativamente a esse material básico e produz uma poesia a partir de sua própria visão de mundo. A riqueza das *Geórgicas* desvenda-se pouco a pouco, principalmente para quem esteja disposto a desfrutar seus versos com vagar e atenção, aproveitando para se cultivar enquanto atravessa suas esmeradas lavouras poéticas.

Existem algumas traduções das *Geórgicas* de Virgílio para o português. Da lavra do poeta maranhense Odorico Mendes (Virgílio, 2019) e do lusitano António Feliciano de Castilho (Virgílio, 1948), por exemplo, temos versões integrais, em propostas poéticas arrojadas. A marca do tempo certamente se faz sentir em ambas e as opções tradutórias, incluindo aspectos fundamentais como métrica e rima, acabam por torná-las ainda mais exigentes. O trabalho de lê-las, contudo, compensa largamente: por um lado, capturam muito da austeridade romana de Virgílio, por outro, revelam também a beleza romântica do período em que compunham seus próprios versos Odorico e António Feliciano. Atualmente, contamos ainda com algumas traduções acadêmicas, em prosa e muito bem anotadas: Matheus Trevizam já publicou a tradução de *Geórgicas* I e III (Virgílio, 2013, 2019), enquanto um orientando seu, Gilson José dos Santos, o fez com *Geórgicas* IV (Virgílio, 2014). Numa dissertação de mestrado, Thaíse

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. “Mãos à obra e aprendei o que é próprio a cada cultura”: Uma nova tradução poética das *Geórgicas* II de Virgílio. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 01-41, 2023. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v12.n1.2023.47015

Pereira Silva (2010) traduziu em prosa e comentou alguns trechos de *Geórgicas* II. Mais recentemente, há ainda outras duas traduções poéticas completas das *Geórgicas*: em decassílabos, de Agostinho da Silva (Virgílio, 2012), e, em hexâmetros brasileiros, de Arthur Rodrigues Pereira Santos (2020), em seu trabalho de doutorado *Geórgicas Bárbaras: Estudo para uma tradução hexamétrica do poema didático virgiliano*.

A versão aqui proposta pretende-se uma tradução poética contemporânea. Assim, guia-se por uma opção métrica que tenho trabalhado para verter o hexâmetro datílico (do grego antigo e do latim): um metro de quatorze sílabas, com acentuação inicial sempre decassilábica (heroica, com acentos nas 6^a e 10^a; ou sáfica, com acentos nas 4^a, 8^a e 10^a sílabas) ou dodecassilábica. Opta-se pela manutenção dos termos técnicos empregados por Virgílio, já que essa dimensão especializada cumpre uma função importante em sua poética. Para me valer aqui de termos poundianos, pretendo recriar a melopeia dos versos latinos em português, mantendo também a riqueza de sua fanopeia e sua logopeia originais (Pound, 1951). Com esses objetivos em mente, não são evitadas figuras de linguagem rebuscadas como hipérbatos e silepses, ou o emprego de arcaísmos, estrangeirismos e mesmo alguns neologismos.³ Tais opções certamente tornam a leitura tão difícil para o leitor brasileiro da tradução quanto deve ter sido para seu público romano original: com efeito, poucas eram as pessoas aptas a decifrar todas as suas alusões a plantas, animais, ferramentas, regiões, povos e mitos específicos, mas o que mais importava lá — como aqui — é o jogo poético. E, para lembrar um ditado célebre anotado por Platão, com o qual Virgílio certamente estava de acordo: “as coisas belas são difíceis” [χαλεπὰ τὰ καλά] (*República*, 497d).

Espero que a leitura desses versos seja tão prazerosa e instrutiva para quem os vier a ler quanto sua escrita foi para mim. O texto latino de base dessa tradução é o da edição de J. B. Greenough, disponibilizado virtualmente pela plataforma Perseus, embora também tenha sido consultado e, eventualmente, adotado o texto de Eugène de Saint-Denis.⁴

REFERÊNCIAS

Catão. (2016). *Da agricultura* (M. Trevizam, tradução, apresentação e notas). Editora da Unicamp.

Dryden, J. (1709). *The Works of Virgil*. (Obra original publicada em 1697).
[https://en.wikisource.org/wiki/The_Works_of_Virgil_\(Dryden\)](https://en.wikisource.org/wiki/The_Works_of_Virgil_(Dryden))

-
- Leopardi, G. (1898). *Pensieri di varia filosofia e di bella letteratura*. Volume I. A cura di Giosuè Carducci. Firenze: Successori Le Monnier.
- Marrou, H. I. (1948). *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*. 2. Le monde romain. Paris : Éditions du Seuil, .
- Montaigne, M. (1965). *Essais*. Livre Second. Édition présentée, établie et annotée par Pierre Michel. Paris: Gallimard.
- Plato. (1903). *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford University Press.
- Pound, E. (1951). *ABC of Reading*. Faber and Faber.
- Romero, N. (1948). Prefácio. In Virgílio, *Geórgicas. Eneida* (A. F. de Castilho, & M. O. Mendes, Trads.) (pp. V–XXVII). W. M. Jackson Inc.
- Santos, A. R. P. (2020). *Geórgicas bárbaras: Estudo para uma tradução hexamétrica do poema didático virgiliano* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro.
- Silva, T. P. B. A. (2010). *O II Canto das Geórgicas: O significado das digressões na poesia didática* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro.
- Trevizam, M. (2014). *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrécio*. Editora da Unicamp.
- Varrão. (2012). *Das coisas do campo* (M. Trevizam, tradução, introdução e notas). Editora da Unicamp.
- Vergil. (1900). *Bucolics, Aeneid, and Georgics Of Vergil*. J. B. Greenough. Boston: Ginn & Co.
- Virgile. (1998). *Géorgiques* (Texte traduit par Eugène de Saint-Denis). Les Belles Lettres.
- Virgílio. (2012). *Bucólicas. Geórgicas. Eneida* (A. da Silva, Trad.). Círculo de Leitores.
- Virgílio. (1948). *Geórgicas. Eneida* (A. F. de Castilho, & M. O. Mendes, Trads.). W. M. Jackson Inc.
- Virgílio. (2019). *Geórgicas* (P. S. Vasconcellos, Org.; O. Mendes, Trad.). Ateliê Editorial.
- Virgílio. (2013). *Geórgicas I* (M. Trevizam, Org.; A. F. de Castilho, & M. Trevizam, Trads.). Editora UFMG.
- Virgílio. (2019). *Geórgicas III* (M. Trevizam, Org.; A. F. de Castilho, & M. Trevizam, Trads.). Editora UFMG.

VIRGÍLIO, *GEÓRGICAS 2*

Até aqui, cultivo dos campos e astros celestes,
agora a ti, ó Baco, canto e contigo os silvestres
sarçais e o rebentar extemporâneo de olivais.

Para cá, pai Leneu!, aqui tudo é pleno de teus
mimos! A ti, fecundo em meio aos pâmpanos do outono, [5]
floresce o campo e espuma em plenas tinas a vindima!

Para cá, pai Leneu!, vem e no mosto novo as nuas
pernas tinge comigo, destroçados os coturnos!

Primeiro, a natureza é vária em árvores criar.
Algumas, com efeito, em nada forçadas por homens, [10]

vêm espontaneamente e retêm os campos e os rios
recurvos, como o tenro amieiro e as flexíveis giestas,
o choupo e, nas outrora frondosas cãs, os salgueiros.

Parte, porém, provém da semente, como as altas
castanheiras e — à sombra enorme que a Júpiter dão — [15]
os ésculos e, oráculos dos gregos, os carvalhos.

Pulula da raiz, para outras, densíssimo o bosque —
cerejeiras e olmeiros —, mas o loureiro parnásio
miúdo sob a sombra ingente da mãe se ocultou.

Tais modos deu primeiro a natureza: todo gênero [20]
de arbusto e bosque assim verdeja e florestas sagradas.

Há outros que, por via certa, o uso descobriu.

Um, arrancando os brotos do tenro corpo da mãe,
depositou em sulcos; outro, estirpes pôs no campo,
quadrifendidas varas e estacas de lenho agudo. [25]

Alguns, dos bosques, arcos em mergulhais calcados,
aguardam e também rebentos nascidos da terra.

Alguns não têm sequer raízes — a grande ameixeira
não hesita em voltar à terra a partir de seu galho.

E de um tronco cortado — maravilha de contar! —, [30]

desponta uma raiz do seco lenho da oliveira.
E, com frequência, o ramo de um — impunemente — vemos
vertido em outro: transplantada assim produz maçãs
a pereira e o corniso enrubesce nas ameixeiras.
Mãos à obra e aprendei o que é próprio a cada cultura, [35]
agrícolas, e o fruto fero abrandai, cultivando,
sem qualquer terra estéril. Agrada o Ismaro de Baco
semear e vestir de oliveiras o alto Taburno.
E tu, aqui, dá cabo do labor iniciado,
ó flama, parte máxima do mérito da fama, [40]
Mecenas, e voando dá vela ao pélagos aberto.
Eu próprio não escolho tudo abraçar com meus versos,
não, nem se para mim houvesse cem línguas e bocas,
férrea voz. Orienta-me por litorâneas bordas.
Às mãos, as terras! Não aqui — por carme imaginado, [45]
em desvios e longos exórdios — reter-te-ei.
Aqueles que espontâneas dão nas luminosas bordas
são infecundas, mesmo que nasçam fortes e prósperas,
quando o solo for próprio. Ainda assim, essas também —
se alguém as enxertar ou em lavouras transplantar — [50]
perdem o ânimo agreste e, por cultura frequente,
não tardarão a se dobrar às artes que quiseres.
Assim será também da que brotar ao pé das outras,
estéril, caso seja espalhada em campo espaçoso.
Agora os altos galhos e os ramos da mãe ofuscam [55]
as crias da que cresce: tolhem e secam o broto.
Já a árvore que — mal lançada a semente — se ergueu
vem com delonga e só fará sombra aos netos futuros,
enquanto os frutos apodrecem e os primeiros sucos
se perdem e a videira oferta às aves uvas vis. [60]
Convém com todas despende certo labor e todas
em sulcos coletar para domar a muito custo.
Mas em tocos prosperam melhor oliveiras; videiras,

em mergulhias; mirtos de Pafos, em caules sólidos;
em mudas, nascem duras aveleiras e um enorme [65]
freixo e uma umbrosa árvore de hercúlea coroa
e as bolotas do pai Caônio — e a altiva palmeira
nasce e seu lenho em breve vê desventuras marinhas.
Enxerta-se o medronho eriçado com a noqueira
e plátanos estéreis geram viçosas macieiras. [70]
A faia encaneceu na flor da castanheira, o freixo,
na da pereira, e os porcos comem glandes sob olmeiros.
Não há um modo só de implantar e enxertar botões.
De fato, onde no meio da cortiça surgem gomos
rompendo as tênues túnicas, em cima do apertado [75]
nó, que se faça um furo: aí de uma outra árvore o germe
introduz-se e ensina-se a crescer da seiva líquida.
Ou ainda, ao contrário, cortam-se os troncos sem nós
e com cunhas se fende um fundo buraco onde férteis
mudas são inseridas: em pouco tempo uma enorme [80]
árvore exsurge até o céu com seus ramos felizes
e se admira de novas ramas e frutos não seus.
Não existe um só gênero, nem dos fortes olmeiros,
nem de salgueiro ou lótus, nem dos ciprestes ideus;
nem nascem de uma só forma as opulentas olivas, [85]
mas oblongas, ovais e — as páuseas — de amargos caroços,
como os frutos silvestres de Alcínoo; nem um só broto
dá peras do Crustúmio, da Síria e pêras pesadas.
A vindima que pende de nossas árvores não
é a mesma que em galhos de Metimna colhe Lesbos. [90]
De Tasos, vinhas há; de Mareótis, uvas brancas
(estas convêm à terra opulenta, aquelas, à leve);
de Psítia, o vinho seco sobressai; de Lage, o suave,
que um dia há de tentar os pés e superar a língua.
Purpúreo ou prematuro, com que carne te direi, [95]
ó Rético? Mas não vá competir com o Falerno.

Também de Amínea, vinhas há — em vinhos encorpados,
perante os quais se curva o Tmolo e o próprio rei Faneu.

E mesmo contra o mais humilde, Argitis, não há luta
tanto em termos de “tanto” quanto em termos de “quando”. [100]

Nem a ti — tu, aceito em segundo à mesa dos deuses —
esquecerei, ó Ródio, nem de teus cachos, Bumasto.

Mas quantas as espécies e quais são os nomes delas?

E seu número? Não se pode compreender tal número.

Quem quiser conhecê-lo, queira primeiro aprender [105]

com quanta areia o Zéfiro turva os mares da Líbia

ou, quando o Euro cai mais violentamente nas naus,

conhecer quantas vagas vêm ao litoral da Jônia.

De fato, as terras todas não geram todas as coisas.

De rios, nascem os salgueiros; de pântanos crespos, [110]

os álamos; de montes ásperos, os freixos áridos.

As praias, muito prósperas de mirtos! Às abertas

colinas ama Baco; ao Aquilão e ao frio, os teixos.

Observa a orbe extrema que os cultivadores domam,

dos lares Árabes da aurora aos Gelonos tatuados: [115]

a cada pátria, suas árvores. Só dá na Índia

o negro ébano e, só para os Sabeus, existe o incenso.

O que dizer-te do aromático lenho, do bálsamo
exsudando e das bagas do sempre frondoso acanto?

O que dizer dos bosques etíopes em câs de lã [120]

e de como penteiam os Séres as folhas tenras?

Ou das selvas que próximo ao Oceano a Índia gera —

golfo do extremo da orbe — onde o ar além das árvores

nenhuma flecha em arremesso pôde superar?

E aquela gente não é lenta em matéria de aljava. [125]

A Média aufere amargos sumos e sabor tenaz

do fruto salutar, cuja ajuda nada suplanta —

quando madrastras más envenenaram as bebidas

e misturaram ervas com palavras não inócuas —

para agir pelos membros contra os atrozes venenos. [130]

A própria árvore enorme, similíssima ao loureiro,
e que, se não vertesse um cheiro assaz diverso dele,
talvez fosse o loureiro — de folhas quedas ao vento
e flor a mais tenaz —, com ela, aos hálitos e às fétidas
bocas os Medos remediam, e aos velhos arfantes. [135]

Mas sequer a riquíssima em bosques terra dos Medos,
ou o formoso Ganges, ou o Hermo — turvado em ouro —,
disputariam louros da Itália, ou a Bácia e a Índia
e até toda a Pancaia, em areias ricas de incenso.

Por lá, jamais araram touros que soltassem fogo [140]
pelas ventas — semeados os dentes de uma serpente —,
nem com elmos ou lanças densas a seara eriçou-se,
mas ceifas grávidas e a seiva Mássica de Baco
cresceram. Espalharam-se oliveiras e rebanhos.

Daqui, o belicoso corcel ao campo se lança; [145]
dali, as alvas greis e o sumo sacrifício, o touro,
ó Clitumno — banhados pelo teu fluxo sagrado —,
conduziram aos templos dos deuses triunfos romanos.

Aqui, a primavera eterna e o verão sem medida,
por duas vezes, grávido o gado e dados os frutos. [150]

Mas não se encontram tigres raiosos, crias cruéis
de leões, nem acônitos enganam na colheita,
nem serpente escamosa se arrasta em giros imensos
ou se recolhe em espiral de grande estiramento.

Ajunta tantas urbes egrégias, labor das obras, [155]
e tantas cidadelas por penhascos escarpados
e rios subterrâneos por baixo de antigos muros.

Então memoraria o mar, que acima e abaixo banha?

Ou os lagos, tamanhos? A ti, Lário enorme, e a ti,
Benaco, que te elevas com ondas e sons marinhos? [160]

Então memoraria o porto, os diques do Lucrino
e o indignado mar com seus tão magnos estrídulos,

por onde a onda Júlia ao longe soa — alto o mar —
e a tirrena maré se impele aos estreitos do Averno?
Ela mesma ostentou ribeiras de prata e minérios [165]
de bronze, em veios, e, abundante em ouro, escorreu.
Ela, de uma acre raça de homens (Marsos e Sabélicos;
Lígures calejados; Volscos, armados com dardos),
produziu os Décios, os Mários e os grandes Camilos,
os Cipíadas, duros na guerra, e a ti, sumo César, [170]
que, agora vencedor nas regiões extremas da Ásia,
afastas o abatido Indiano dos confins romanos.
Salve, ó magna mãe de colheitas, terra Satúrnica,
magna em homens: para ti, tema de antigas glórias
e arte proponho, ousando desvelar as santas fontes, [175]
e canto por cidades romanas um poema Ascreu.
Agora, os gênios dos terrenos: que vigor possuem,
que cor e natureza existem para conhecê-los.
Primeiro: as terras duras e as colinas malfazejas —
onde há argila mole e pedras pelos espinheiros — [180]
gostam do bosque de oliveiras vivazes de Palas.
Indício disso, aí germina a oliveira selvagem
fartamente e as campinas cheias de bagas silvestres.
Mas o chão que é fecundo e doce em umidade alegre,
com um campo abundante em ervas e de um seio fértil [185]
(qual com frequência vemos no recôncavo de um vale
entre montes, manando riachos do alto das rochas
enquanto arrastam limo fecundante), exposto ao Austro,
e nutre a samambaia odiosa aos recurvos arados:
tal a ti fundará um dia vinhas valorosas, [190]
fluindo para Baco; tal, tão fértil em seus cachos,
tal, tão fértil de sumo, enquanto o libamos em ouro,
como quando o Tirreno soprou no altar o marfim
e oferecemos, em travessas pandas, fumosas entranhas.
Mas se tens interesse pelos vitelos e armentos, [195]

pelas crias de ovelhas e pelas cabras incultas,
busca o bosque e as regiões longínquas da farta Tarento
e um campo como aquele que a triste Mântua perdeu,
apascendo nívios cisnes em relvoso rio.
Não farão falta fontes fluidas para as greis, nem ervas, [200]
e tudo o que o rebanho recolher nos longos dias
na exígua noite o gélido rocio reporá.
A terra negra, fértil, revolvida pela relha,
cujo solo esfarela — o que imitamos quando aramos —
para os trigos é ótima: não hás de ver mais carros [205]
serem levados de outros campos por novilhos tardos.
Ou a terra onde o irado arador devastou o bosque
e derrubou as matas por muitos anos incultas
e as antigas moradas das aves, de imas raízes,
abateu — e elas o alto buscaram, já sem os ninhos, [210]
enquanto o rude campo reluzia sob a relha.
Com efeito, os famintos seixos de um campo em declive
mal cedem às abelhas alecrim e humildes cássias;
a rocha áspera e o giz erodido por negras quélidas
negam que outros espaços além deles, às serpentes, [215]
aportem agradável repasto e curvas recurvas.
Mas a terra que exala tênue névoa e fumaça
bebe a umidade e, quando quer, de si a restitui,
por si se veste sempre de uma grama verdejante
sem ao ferro ferir com lesões ou salsa ferrugem: [220]
a ti, tal terra tecerá às videiras os olmos;
tal terra é fértil de óleo; cultivando-a, saberás
ser fácil para a pécora e difícil para a relha.
Tal é a terra que ara a rica Cápua, os arredores
do Vesúvio e do Clânio (funesto à arrasada Acerra). [225]
Ora, como hás de conhecer cada terra eu direi.
Queres saber se uma é macia ou firme além da conta?
Eis que uma favorece ao trigo, enquanto a outra, a Baco:

a firme mais a Ceres, a macia ao Libertário!
Com os olhos, escolha um local: fundo ordenarás [230]
um fosso ser cavado e então reporás toda a terra
de novo, com os pés ajeitando em cima o terreno;
faltando, será brando à pécora e, à fértil videira,
um seio próprio; mas se acaso não mais retornar
a seu lugar, a terra superando o poço cheio, [235]
que campo mais compacto! Os duros torrões — cascas grossas —
vigia e lavra a terra com novilhos valorosos.
Já a terra salgada — e que se considera amarga —
de frutos é infértil, não se amansa pelo arado
nem conserva o renome da raça de Baco ou dos pomos. [240]
Assim ela se mostra: tira do teto enfumado
cestos de vime espesso e vasilhames de prensar;
enche-os com essa terra ruim e com as águas doces
da fonte até a boca; o líquido achará caminho
ao certo e grandes gotas atravessarão o vime; [245]
desse modo o sabor será indício claro e a boca
atroz retorcerá, provando amargo seu sabor.
O mesmo a uma terra que seja opulenta, assim
ensinamos: lançada de uma à outra mão, jamais
esfarela, mas como piche aos dedos vai colando. [250]
Úmida, a terra serve muitas ervas e já é
abastada. Ah! Minha terra não será tão fértil
nem ostentará tal valor desde os primeiros brotos!
A que é pesada entrega-se tácita ao ser pesada,
tal como a leve. Assim, distingue-se no olhar a negra [255]
e a de outra cor qualquer. Mas indagar sobre a frieza
é difícil: apenas abetos, teixos nocivos
e, às vezes, heras negras disseminam seus vestígios.
Advertido isso, lembra de muito antes preparar
a terra e recortar os grandes montes com as valas [260]
e dar ao Aquilão as glebas reviradas, antes

que a raça alegre da videira enterres. Lavras ótimas
têm solo friável, produzido por ventos, geadas
gélidas e trabalhos duros de quem ara as geiras.
Mas se a certos varões nenhuma vigilância escapa, [265]
recorrem a locais semelhantes ao da primeira
seara para as árvores, onde, em fileira postos,
os brotos talvez não estranhem a troca da mãe.
Além disso, assinalam o céu usando a cortiça
para ver de que modo cada qual se ergueu, que parte [270]
sofreu os quentes Austros e com qual se deu ao norte:
os hábitos importam muito nos anos mais tenros.
Se em colinas ou plainos é melhor deitar a vinha,
antes pergunta. Pelos campos de ricas planícies,
semeia densamente; denso, Baco não é mole. [275]
Em solos íngremes, de morro ou colina inclinada,
favorece as fileiras; plantadas juntas as árvores,
que cada via corte perpendicular às linhas.
Como frequentemente uma legião na enorme guerra
desenrola as coortes e ergue um batalhão no campo [280]
— retas as linhas de batalha —, clara, ondula a terra
toda no bronze, enquanto espera a mescla dos horrendos
combates: dubitável erra Marte em meio às armas.
Tudo seja medido em números iguais de vias,
não só para nutrir um ânimo despreocupado, [285]
mas porque de outro modo a terra não reparte as forças
iguais e as ramas falham em se alçar pelos vazios.
Talvez também pergunte sobre as funduras das valas.
Eu até ousaria dar a vinha a um sulco raso.
Mas mais fundo na terra terá que ser plantada a árvore, [290]
sobretudo o ésculo, que — quanto com a ponta alcança
etéreas brisas, tanto ao Tártaro alcança às raízes.
Portanto, a ele não há quem derrube: tempestades,
ventos, chuvas; imóvel se mantém e muitos netos

vence, volvendo muitas gerações de bons varões. [295]
Então abrindo largamente os braços — fortes ramas —,
 cá e lá, ele próprio em si sustém enorme sombra.
Que não se voltem teus vinhedos para o sol poente,
 nem plantes entre vinhas aveleira, nem arranques
varas altas, também não tires brotos do alto da árvore — [300]
 tamanho amor à terra — ou firas com ferro sem fio
rebentos, nem silvestres troncos de oliveira plantes;
frequentemente, o fogo escapou de incautos pastores,
 apoderando-se furtivo sob a casca oleosa
dos troncos e, escapando até as mais altas folhagens, [305]
 enorme estrondo deu ao céu; daí, tendo seguido
 por ramos e elevados topos, reina, vencedor,
e todo o bosque envolve em flama e lança negra nuvem
 até o céu pejado com caliginoso piche,
ainda mais se a tempestade sopra sobre o bosque [310]
 e o vento se enovela, transportando mil incêndios.
Assim, não tem mais força a raiz; cortados, não podem
 retornar e outra vez verdejar pela ima terra.
 Infértil, resta, em folhas amargas, só a oliveira.
Nem te persuada — ainda que prudente — algum autor [315]
 a mexer com a dura terra quando o Bóreas sopra.
O inverno então congela os campos e, posta, a semente
 não consegue fincar raiz segura junto à terra.
 Às vinhas, o melhor é quando, rubra a primavera,
envém a ave branca — odiosa para as longas cobras — [320]
 ou nos primeiros frios do outono, ao roçar o Sol
com seus corcéis, já sem verão, ainda sem inverno.
Aos bosques, boa a primavera; primavera, às matas,
 útil; na primavera, as terras incham-se em sementes.
O pai onipotente, com fecundas chuvas — Éter — [325]
 de sua alegre esposa desce ao seio e alimenta,
 grande, a todas as crias, em meio a seu corpo grande.

Então moitas de sarças soam com aves canoras
e armentos buscam Vênus de novo quando convém.
O campo benfazejo gera e, Zéfiro esquentando, [330]
a lavoura relaxa; a tudo abunda a tenra seiva,
os brotos ousam entregar-se aos novos sóis de todo;
e o pâmpano não tem temor aos Austros ressurgentes
ou à chuva impelida pelos magnos Aquilões,
mas gomos faz brotar e desdobra todas as frondes. [335]

Não creia brilharem outros dias na primeira
origem do nascente mundo ou terem outro curso:
primavera era aquilo, primavera resplendia
o orbe todo e os Euros poupavam sopros de inverno,
quando o primeiro gado a luz sorveu e, dos varões, [340]
a terrena progênie ergueu a cabeça nas lavras —
postas as feras nas florestas, os astros, no céu.

Nem a delicadeza aguentaria tal labor,
não fosse por esse sossego — entre o frio e o calor
no entremeio — e a indulgência do céu acolhendo as terras. [345]

De resto, todo broto que plantes em meio aos campos
esparge com esterco rico e oculta com mais terra,
coloca ou uma pedra porosa ou ásperas conchas
pois no entremeio as águas vêm e, sutil, se insinua
um sopro: as plantas ganham ânimo. Já foram vistos [350]

os que em cima recobrem com pedra e peso de enorme
telhado — proteção perante as chuvas desabadas,
também quando a canícula, de sede, fende as lavras.

Postas as plantas, resta remexer com mais frequência
a terra até as pontas, revolver os enxadões [355]

ou estorvar o solo opresso pela relha e vir
em meio às vinhas com novilhos sempre relutantes;
então, resta ajustar às canas e às hastes das vergas
as estacas de freixos e os forcados resistentes —
que se acostumem a se erguer por si, a desprezar [360]

os ventos e a alcançar os altos topos dos olmeiros.
E, enquanto a infância verde adolece com novas folhas,
cumpra poupar as terras; e, enquanto o galho da vinha
fértil se impele ao alto — rédeas soltas pelo ar puro —,
cumpra não as tentar com o gume da foice, mas [365]
tirar as frondes com mãos curvas em meio à colheita.
Quando — abraçadas aos olmeiros, com cepas já fortes —,
saírem, tosa então as comas, corta então os braços:
antes, temem o ferro — só então, exerce duros
comandos e reprime os muitos ramos que refluem. [370]
Cumpra tecer as sebes e cercar todo o rebanho,
ainda mais se a frente é tenra e ignora os trabalhos:
troçam dela os severos invernos e o sol possante,
além dos uros ariscos e das cabras sequazes,
enquanto a pastam as ovelhas e as novilhas ávidas. [375]
Nem lesam tanto os frios inteiriços das geadas
ou o verão pesado que oprime os secos rochedos,
quanto os rebanhos: o veneno de seu duro dente
e a cicatriz deixada sobre a estirpe remordida.
Por nenhuma outra ofensa — a Baco — a cabra nos altares [380]
é imolada e os jogos vetustos entram em cena.
Os filhos de Teseu fixaram prêmios pelo engenho
nas vilas e, ao redor de encruzilhadas, entre taças,
dançaram em macios prados sobre odres untados.
Além disso, os Ausônios — gente de Troia —, colonos, [385]
divertem-se com versos desgrenhados, riso solto,
assumem máscaras horrendas de cava cortiça,
invocam-te em versos alegres, Baco, e para ti
suspendem máscaras flexíveis de um alto pinheiro.
Assim toda videira se incha com frutos copiosos, [390]
vales vazios se enchem, bem como bosques profundos
e aonde quer que o deus conduza a formosa cabeça.
Então, conforme o rito — a Baco —, diremos sua honra,

em cantos pátrios, portaremos libações e pratos,
e — preso pelo chifre, um sacro bode no altar —, [395]
tostaremos entranhas em espetos de aveleira.
Há também aquele outro labor de cuidar das vinhas
que nunca chega ao fim: com efeito, a cada novo ano,
três, quatro vezes deve ser fendido o solo, as glebas,
eternamente rotas sob os enxadões e o bosque, [400]
livre das folhas. Volta o labor em ciclo aos agrícolas
e, sobre os próprios rastros, o ano a si rola de volta.
E um dia, quando a vinha depôs as frondes tardias
e o frígido Aquilão tirou aos bosques sua honra,
então o camponês agudo tece seus cuidados [405]
ao próximo ano e com o dente de Saturno acossa
a videira que resta, rapando-a, e a molda, podando-a.
Primeiro, escava o solo — primeiro, queima sarmentos
transportados — primeiro, leva tanchões ao abrigo;
por último, vindima. Duas vezes, as sombras às vinhas, [410]
duas vezes, as ervas enchem a seara de espinhos:
duros, tanto um labor quanto o outro. Louva campos vastos,
mas cultiva um pequeno! Pois cortam-se os vimes ásperos
da gilbarbeira, em bosques; em ribas de rio, a cana;
enquanto faina tal com o salgueiro inculto inquieta. [415]
A vinha já trançada, a roça já restaura a foice,
o extremo agricultor já canta, findas as fileiras;
que se revolva a terra!, que se levante a poeira!,
e que se tema Júpiter, em nome da parreira!
Ao contrário, não há cultura alguma às oliveiras; [420]
não aguardam recurva foice nem tenaz ancinho,
mas, uma vez ligadas à lavra, aragens suportam.
A própria terra, quando aberta pelo dente curvo,
oferece umidade e, com a relha, gordos frutos.
Nutre, pois, a oliveira tão rica e plácida à Paz. [425]
Também as que dão frutos: mal tenham vigor os troncos

e as próprias forças, rápido se esforçam rumo aos astros
por si sós, sem carência de qualquer auxílio nosso.
Enquanto isso, não menos se carregam com as crias
e enrubescem com bagas sanguíneas ninhos incultos. [430]
Codessos são pesados. O alto bosque dá archotes,
fogos noturnos apascentam-se e luzes espalham.
E ainda há quem hesite em produzir e dar cuidado?
Dar-se só às maiores? Salgueiros e humildes giestas
ofertam fronde aos rebanhos, aos pastores, sombra, [435]
além de sebe às plantações e, ao mel, um bom repasto.
Apraz fitar o ondulante Citoro sob o buxo
e os bosques resinosos de Narício — apraz ver campos
não sujeitos a enxada nem cuidado algum dos homens.
Os próprios bosques áridos, no píncaro do Cáucaso, [440]
que os Euros animosos arrebetam e carregam,
dão outros frutos — quando outros são — e o útil lenho dão:
às naus, pinheiros; cedros e ciprestes, às moradas.
Daqui cultivadores deram raios para as rodas;
daqui, rodas maciças aos carros e quilhas aos barcos. [445]
Salgueiros são fecundos em vimes; olmeiros, em frondes;
mas o mirto é robusto nas hastes e bom na guerra
é o corniso; os teixos viram arcos de Itureia.
Ademais, tílias leves ou buxos tersos ao torno
recebem forma e são cavados com o ferro agudo. [450]
Também o álamo leve flutua à onda impetuosa,
lançado ao rio Pó; e abelhas ocultam enxames
em ocas cascas e no cavo da azinheira podre.
O que tão digno de memória dão os dons de Baco?
Baco ofertou pretextos ao crime; ele dominou [455]
com a morte os coléricos centauros, Reto, Folo
e Hileu feroz — os Lápidas — com enorme cratera.
Ó mui afortunados cultores: se conhecessem
seus bens! Distante de armas discordes, a própria terra

justíssima derrama pelo chão o bom sustento. [460]
 Se não vomita uma alta casa por soberbas portas
 de manhã uma enorme onda de clientes pelas salas,
 nem cobiçam umbrais coloridos de tartaruga
 nem roupagens bordadas com ouro e bronze da Éfira,
 e também não se tingem a lã branca em drogas assírias [465]
 nem o uso límpido do azeite se suja em canela —
 mas um calmo descanso e uma vida sem engano —
 rica em obras diversas —, mas os ócios fundiários —
 as grutas, as lagoas vivas, os frescos vales,
 os mugidos dos bois e os sons suaves sob as árvores — [470]
 não faltam; pois ali, há bosques e covis de feras,
 juventude paciente no trabalho e afeita a pouco,
 divinos ritos, pais sagrados; extrema justiça,
 da própria terra, deixa seus vestígios derradeiros.
 A mim, primeiro as Musas — mélicas mais do que tudo —, [475]
 cujas insígnias porto, tocado por vasto amor,
 recebam e revelem as vias do céu e os astros,
 os variados eclipses do sol e também da lua;
 donde o tremor às terras; por qual força os mares se incham,
 rompendo os diques, e de novo baixam sobre si; [480]
 por que tanto se apressam a afundar no Oceano os sóis
 invernaes; qual demora obstrui as tardias noites.
 Mas se acessar não posso essas partes da natureza,
 posto que a tal se oponha em minha entranha um sangue frio,
 que me agradem campanhas e, nos vales, rios fartos, [485]
 e eu ame, inglório, cursos d'água e bosques! Onde os campos?,
 o Espérquio e o Taígeto em delírio pelas virgens
 lacedemônias? Quem nos frescos vales do Hemo a mim
 poria e abrigaria em uma tal ramosa sombra?
 Feliz quem pôde conhecer as causas das coisas, [490]
 e submeteu o medo todo e o inexorável fado
 a seus pés com o estrépito do cúpido Aqueronte!

Feliz também aquele que conhece agrestes deuses,
tanto Pã quanto o velho Silvano e as ninfas irmãs!
Nem os feixes do povo nem a púrpura dos reis [495]
pôde dobrá-lo, nem a discórdia de irmãos infiéis
ou o Daco que desce a partir do Histro conjurado,
nem assuntos romanos e reinos mortais; também
não sofreu pelo pobre, nem teve inveja ao que tem.
Os frutos desses ramos desses campos generosos [500]
gerados espontaneamente, ele colheu sem ver
as férreas leis, o Fórum doido e os arquivos do povo.
Outros com remos movem-se em cursos cegos e arrojam-se
ao ferro, penetram soleiras e cortes de reis.
Um aniquila uma cidade e os míseros Penates, [505]
para beber em pedraria e se deitar em púrpura;
outro esconde riquezas e guarda o ouro enterrado;
este admira atônito as tribunas; boquiaberto,
aquele caça aplauso — desdobrado entre plebeus
e patrícios; alegram-se em banho em sangue fraterno [510]
e pelo exílio trocam casas e doces soleiras
e buscam outra pátria sob um outro sol deitada.
O agricultor perfura a terra com o arado curvo:
daí, labor anual, daí, pátria e pequenos filhos
cria, daí, armentos de bois e ótimos novilhos. [515]
E não há pausa sem que o ano resplandeça em frutos
ou crias de gado ou feixes do colmo de Ceres,
e em provento preencha os sulcos e vença os celeiros.
Veio o inverno: a azeitona de Sicião se esmaga em mós;
porcos retornam gordos à bolota; bosques dão [520]
medronhos; põe o outono variados frutos e, no alto,
em rochas claras, a vindima amadurece bem.
No entremeio, rodeiam filhos à cata de beijos,
a casta casa abriga o pudor, vacas lançam tetas
lácneas e, no rico gramado, bodes carnudos [525]

competem entre si, em meio a chifres adversários.

Ele próprio celebra dias festivos, na relva,
em torno ao fogo, e companheiros coroam crateras.

Fazendo libações, convoca a ti, Leneu, e faz
do olmeiro um tiro-ao-alvo em meio aos mestres do rebanho, [530]
enquanto se desnudam corpos duros no ginásio.

Tal vida cultivaram antes os velhos Sabinos,
tal vida, Remo e o irmão, assim cresceu a forte Etrúria
e Roma foi tornada a mais formosa dentre as coisas —
e, sendo uma só, cercou sete montes na muralha. [535]

Antes também que o rei Diteu tomasse o cetro e antes
que o ímpio povo se banquetearse com novilhos mortos,
o áureo Saturno já levava tal vida na terra;

ainda não se ouvia trombetear classicamente
nem crepitar espadas postas em duras bigornas. [540]

Mas nós próprios calcamos plainos imensos no espaço
e já é tempo de soltar a chama dos cavalos.

VERGILIUS, *GEORGICON* 2

Hactenus arborum cultus et sidera caeli,
nunc te, Bacche, canam, nec non silvestria tecum
virgulta et prolem tarde crescentis olivae.
Huc, pater o Lenaee—tuis hic omnia plena
muneribus, tibi pampineo gravidus autumno [5]
florete ager, spumat plenis vindemia labris—
huc, pater o Lenaee, veni nudataque musto
tingue novo mecum direptis crura cothurnis.
Principio arboribus varia est natura creandis.
namque aliae nullis hominum cogentibus ipsae [10]
sponte sua veniunt camposque et flumina late
curva tenent, ut molle siler lentaeque genestae,
populus et glauca canentia fronde salicta;
pars autem posito surgunt de semine, ut altae
castaneae nemorumque Iovi quae maxima frondet [15]
aesculus atque habitae Graeis oracula quercus.
Pullulat ab radice aliis densissima silva,
ut cerasis ulmisque; etiam Parnasia laurus
parva sub ingenti matris se subicit umbra.
Hos natura modos primum dedit, his genus omne [20]
silvarum fruticumque viret nemorumque sacrorum.
Sunt aliae, quas ipse via sibi repperit usus.
Hic plantas tenero abscindens de corpore matrum
deposuit sulcis, hic stirpes obruit arvo
quadrifidasque sudes et acuto robore vallos; [25]
silvarumque aliae pressos propaginis arcus
expectant et viva sua plantaria terra;
nil radicis egent aliae summumque putator
haud dubitat terrae referens mandare cacumen.
Quin et caudicibus sectis, mirabile dictu, [30]

truditur e sicco radix oleagina ligno.
Et saepe alterius ramos inpune videmus
vertere in alterius mutatamque insita mala
ferre pirum et prunis lapidosa rubescere corna.
Quare agite o proprios generatim discite cultus, [35]
agricolae, fructusque feros mollite colendo,
neu segnes iaceant terrae. Iuvat Ismara Baccho
conserere atque olea magnum vestire Taburnum.
Tuque ades inceptumque una decurre laborem,
O decus, o famae merito pars maxima nostrae, [40]
Maecenas, pelagoque volans da vela patenti;
non ego cuncta meis amplecti versibus opto,
non, mihi si linguae centum sint oraque centum,
ferrea vox; ades et primi lege litoris oram.
In manibus terrae; non hic te carmine ficto [45]
atque per ambages et longa exorsa tenebo.
Sponte sua quae se tollunt in luminis oras,
infecunda quidem, sed laeta et fortia surgunt;
quippe solo natura subest. Tamen haec quoque, si quis
inserat aut scrobibus mandet mutata subactis, [50]
exuerint silvestrem animum cultuque frequenti
in quascumque voles artis haud tarda sequentur.
Nec non et sterilis, quae stirpibus exit ab imis,
hoc faciat, vacuos si sit digesta per agros;
nunc altae frondes et rami matris opacant [55]
crescentique adimunt fetus uruntque ferentem.
Iam quae seminibus iactis se sustulit arbor
tarda venit seris factura nepotibus umbram,
pomaque degenerant sucos oblita priores
et turpis avibus praedam fert uva racemos. [60]
Scilicet omnibus est labor inpendendus et omnes
cogendae in sulcum ac multa mercede domandae.
Sed truncis oleae melius, propagine vites

respondent, solido Paphiae de robore myrtus;
plantis et durae coryli nascuntur et ingens [65]
fraxinus Herculeaeque arbos umbrosa coronae
Chaoniique patris glandes, etiam ardua palma
nascitur et casus abies visura marinos.
Inseritur vero et fetu nucis arbutus horrida,
et steriles platani malos gessere valentis; [70]
castaneae fagus, ornusque incanuit albo
flore piri glandemque sues fregere sub ulmis.
Nec modus inserere atque oculos inponere simplex.
Nam qua se medio trudunt de cortice gemmae
et tenuis rumpunt tunicas, angustus in ipso [75]
fit nodo sinus: huc aliena ex arbore germen
includunt udoque docent inolescere libro.
Aut rursus enodes trunci resecantur et alte
finditur in solidum cuneis via, deinde feraces
plantae inmittuntur: nec longum tempus, et ingens [80]
exsilit ad caelum ramis felicibus arbos
miraturque novas frondes et non sua poma.
Praeterea genus haud unum nec fortibus ulmis
nec salici lotoque neque Idaeis cyparissis,
nec pingues unam in faciem nascuntur olivae, [85]
orchades et radii et amara pausia baca
pomaque et Alcinoi silvae, nec surculus idem
Crustumiiis Syriisque piris gravibusque volemis.
Non eadem arboribus pendet vindemia nostris,
quam Methymnaeo carpit de palmito Lesbos; [90]
sunt Thasiae vites, sunt et Mareotides albae,
pinguibus hae terris habiles, levioribus illae,
et passo Psithia utilior tenuisque Lageos
temptatura pedes olim vincturaque linguam,
purpureae preciaeque, et quo te carmine dicam, [95]
Rhaetica? Nec cellis ideo contende Falernis.

Sunt et Amineae vites, firmissima vina,
Tmolius adsurgit quibus et rex ipse Phanaeus;
Argitisque minor, cui non certaverit ulla
aut tantum fluere aut totidem durare per annos. [100]
Non ego te, Dis et mensis accepta secundis,
transierim, Rhodia, et tumidis, Bumaste, racemis.
Sed neque quam multae species nec nomina quae sint,
est numerus; neque enim numero comprehendere refert;
quem qui scire velit, Libyci velit aequoris idem [105]
discere quam multae Zephyro turbentur harenae,
aut ubi navigiis violentior incidit Eurus,
nosse, quot Ionii veniant ad litora fluctus.
Nec vero terrae ferre omnes omnia possunt.
fluminibus salices crassisque paludibusalni [110]
nascuntur, steriles saxosis montibus orni;
litora myrtetis laetissima; denique apertos
Bacchus amat collis, aquilonem et frigora taxi.
Aspice et extremis domitum cultoribus orbem
Eoasque domos Arabum pictosque Gelonos: [115]
divisae arboribus patriae. Sola India nigrum
fert ebum, solis est turea virga Sabaeis.
Quid tibi odorato referam sudantia ligno
balsamaque et bacas semper frondentis acanthi?
Quid nemora Aethiopum molli canentia lana, [120]
velleraque ut foliis depectant tenuia Seres;
aut quos Oceano propior gerit India lucos,
extremi sinus orbis, ubi aera vincere summum
arboris haud ullae iactu potuere sagittae?
Et gens illa quidem sumptis non tarda pharetris. [125]
Media fert tristis sucos tardumque saporem
felicis mali, quo non praesentius ullum,
pocula si quando saevae infecere novercae,
miscueruntque herbas et non innoxia verba,

auxilium venit ac membris agit atra venena. [130]
Ipsa ingens arbos faciemque simillima lauro;
et, si non alium late iactaret odorem,
laurus erat; folia haud ullis labentia ventis;
flos ad prima tenax; animas et olentia Medi
ora fovent illo et senibus medicantur anhelis. [135]
sed neque Medorum, silvae ditissima, terra,
nec pulcher Ganges atque auro turbidus Hermus
laudibus Italiae certent, non Bactra neque Indi
totaque turiferis Panchaia pinguis harenis.
Haec loca non tauri spirantes naribus ignem [140]
invertere satis inmanis dentibus hydri
nec galeis densisque virum seges horruit hastis;
sed gravidae fruges et Bacchi Massicus humor
inplevere; tenent oleae armentaue laeta.
Hinc bellator equus campo sese arduus infert; [145]
hinc albi, Clitumne, greges et maxima taurus
victima, saepe tuo perfusi flumine sacro,
Romanos ad templa deum duxere triumphos.
Hic ver adsiduum atque alienis mensibus aestas
bis gravidae pecudes, bis pomis utilis arbos. [150]
At rabidae tigres absunt et saeva leonum
semina nec miseros fallunt aconita legentis
nec rapit inmensos orbis per humum neque tanto
squameus in spiram tractu se colligit anguis.
Adde tot egregias urbes operumque laborem, [155]
tot congesta manu praeruptis oppida saxis
fluminaque antiquos subter labentia muros.
An mare, quod supra, memorem, quodque adluit infra
anne lacus tantos? Te, Lari maxume, teque,
fluctibus et fremitu adsurgens Benace marino [160]
an memorem portus Lucrinoque addita claustra
atque indignatum magnis stridoribus aequor

Iulia qua ponto longe sonat unda refuso
 Tyrrhenusque fretis inmittitur aestus Avernus?
 Haec eadem argenti rivos aerisque metalla [165]
 ostendit venis atque auro plurima fluxit.
 Haec genus acre virum, Marsos pubemque Sabellam
 adsuetumque malo Ligurem Volscosque verutos
 extulit, haec Decios, Marios, magnosque Camillos,
 Scipiadas duros bello et te, maxume Caesar, [170]
 qui nunc extremis Asiae iam victor in oris
 inbellem avertis Romanis arcibus Indum.
 Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus,
 magna virum; tibi res antiquae laudis et artem
 ingredior, sanctos ausus recludere fontis, [175]
 Ascraeumque cano Romana per oppida carmen.
 Nunc locus arborum ingeniis: quae robora cuique,
 quis color et quae sit rebus natura ferendis.
 Difficiles primum terrae collesque maligni,
 tenuis ubi argilla et dumosis calculus arvis, [180]
 Palladia gaudent silva vivacis olivae.
 Indicio est tractu surgens oleaster eodem
 plurimus et strati bacis silvestribus agri.
 At quae pinguis humus dulcique uligine laeta,
 quique frequens herbis et fertilis ubere campus— [185]
 qualem saepe cava montis convalle solemus
 despicerere; huc summis liquuntur rupibus amnes
 felicemque trahunt limum—quique editus austro
 et filicem curvis invisam pascit aratris:
 hic tibi praevalidas olim multoque fluentis [190]
 sufficiet Baccho vitis, hic fertilis uvae,
 hic laticis, qualem pateris libamus et auro,
 inflavit cum pinguis ebur Tyrrhenus ad aras,
 lancibus et pandis fumantia reddimus exta.
 Sin armenta magis studium vitulosque tueri [195]

aut ovium fetum aut urentis culta capellas,
saltus et saturi petito longinqua Tarenti
et qualem infelix amisit Mantua campum,
pascentem niveos herboso flumine cycnos;
non liquidi gregibus fontes, non gramina deerunt; [200]
et, quantum longis carpent armenta diebus,
exigua tantum gelidus ros nocte reponet.
Nigra fere et presso pinguis sub vomere terra
et cui putre solum,—namque hoc imitamur arando—
optima frumentis; non ullo ex aequore cernes [205]
plura domum tardis decedere plaustra iuencis;
aut unde iratus silvam devexit arator
et nemora evertit multos ignava per annos
antiquasque domos avium cum stirpibus imis
eruit; illae altum nidis petiere relictis, [210]
at rudis enituit in pulso vomere campus.
Nam ieiuna quidem clivosi glarea ruris
vix humilis apibus casias roremque ministrat;
et tophus scaber et nigris exesa chelydris
creta negant alios aequae serpentibus agros [215]
dulcem ferre cibum et curvas praebere latebras.
Quae tenuem exhalat nebulam fumosque volucris
et bibit humorem et, cum volt, ex se ipsa remittit
quaeque suo semper viridi se gramine vestit
nec scabie et salsa laedit robigine ferrum: [220]
illa tibi laetis intexet vitibus ulmos,
illa ferax oleo est, illam experiere colendo
et facilem pecori et patientem vomeris unci.
Talem dives arat Capua et vicina Vesevo
ora iugo et vacuis Clanius non aequus Acerris. [225]
Nunc, quo quamque modo possis cognoscere, dicam.
Rara sit an supra morem si densa requires—
altera frumentis quoniam favet, altera Baccho,

densa magis Cereri, rarissima quaeque Lyaeo—
 ante locum capies oculis alteque iubebis [230]
 in solido puteum demitti omnemque repones
 rursus humum et pedibus summas aequabis harenas.
 Si deerunt, rarum pecorique et vitibus almis
 aptius uber erit; sin in sua posse negabunt
 ire loca et scrobibus superabit terra repletis, [235]
 spissus ager; glaebas cunctantis crassaque terga
 exspecta et validis terram proscinde iuvenis.
 Salsa autem tellus et quae perhibetur amara,
 frugibus infelix—ea nec mansuescit arando
 nec Baccho genus aut pomis sua nomina servat— [240]
 tale dabit specimen: tu spisso vimine qualos
 colaque prelorum fumosis deripe tectis;
 huc ager ille malus dulcesque a fontibus undae
 ad plenum calcentur; aqua eluctabitur omnis
 scilicet, et grandes ibunt per vimina guttae; [245]
 at sapor indicium faciet manifestus et ora
 tristia temptantum sensu torquebit amaro.
 Pinguis item quae sit tellus, hoc denique pacto
 discimus: haud umquam manibus iactata fatiscit,
 sed picis in morem ad digitos lentescit habendo. [250]
 Humida maiores herbas alit, ipsaque iusto
 laetior. Ah nimium ne sit mihi fertilis illa
 nec se praevalidam primis ostendat aristis!
 Quae gravis est, ipso tacitam se pondere prodit,
 quaeque levis. Promptum est oculis praediscere nigram, [255]
 et quis cui color. At sceleratum exquirere frigus
 difficile est: piceae tantum taxique nocentes
 interdum aut hederæ pandunt vestigia nigrae.
 his animadversis terram multo ante memento
 excoquere et magnos scrobibus concidere montis, [260]
 ante supinatas aquiloni ostendere glaebas,

quam laetum infodias vitis genus. Optima putri
arva solo: id venti curant gelidaeque pruinae
et labefacta movens robustus iugera fossor.
Ac si quos haud ulla viros vigilantia fugit, [265]
ante locum similem exquirunt, ubi prima paretur
arboribus seges et quo mox digesta feratur,
mutatam ignorent subito ne semina matrem.
Quin etiam caeli regionem in cortice signant,
ut, quo quaeque modo steterit, qua parte calores [270]
Austrinos tulerit, quae terga obverterit axi,
restituant: adeo in teneris consuescere multum est.
Collibus an plano melius sit ponere vitem,
quaere prius. Si pinguis agros metabere campi,
densa sere; in denso non segnior ubere Bacchus; [275]
sin tumulis adclive solum collisque supinos,
indulge ordinibus, nec setius omnis in unguem
arboribus positis secto via limite quadret.
Ut saepe ingenti bello cum longa cohortis
explicuit legio et campo stetit agmen aperto, [280]
directaeque acies, ac late fluctuat omnis
aere renidenti tellus, necdum horrida miscent
proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis:
omnia sint paribus numeris dimensa viarum;
non animum modo uti pascat prospectus inanem, [285]
sed quia non aliter viris dabit omnibus aequas
terra neque in vacuum poterunt se extendere rami.
Forsitan et scrobibus quae sint fastigia quaeras.
ausim vel tenui vitem committere sulco.
Altior ac penitus terrae defigitur arbos, [290]
aesculus in primis, quae quantum vertice ad auras
aetherias, tantum radice in Tartara tendit.
Ergo non hiemes illam, non flabra neque imbres
convellunt; inmota manet, multosque nepotes,

multa virum volvens durando saecula vincit. [295]
 Tum fortis late ramos et bracchia pandens
 huc illuc, media ipsa ingentem sustinet umbram.
 Neve tibi ad solem vergant vineta cadentem,
 Neve inter vitis corylum sere, neve flagella
 summa pete aut summa defringe ex arbore plantas [300]
 tantus amor terrae—neu ferro laede retunso
 semina, neve oleae silvestris insere truncos:
 nam saepe incautis pastoribus excidit ignis,
 qui furtim pingui primum sub cortice tectus
 robora comprehendit frondesque elapsus in altas [305]
 ingentem caelo sonitum dedit; inde secutus
 per ramos victor perque alta cacumina regnat
 et totum involvit flammis nemus et ruit atram
 ad caelum picea crassus caligine nubem,
 praesertim si tempestas a vertice silvis [310]
 incubuit glomeratque ferens incendia ventus.
 Hoc ubi, non a stirpe valent caesaeque reverti
 possunt atque ima similes revirescere terra;
 infelix superat foliis oleaster amaris.
 Nec tibi tam prudens quisquam persuadeat auctor [315]
 tellurem Borea rigidam spirante movere.
 Rura gelu tum claudit hiems nec semine iacto
 concretam patitur radicem adfigere terrae.
 Optima vinetis satio, cum vere rubenti
 candida venit avis longis invisita colubris, [320]
 prima vel autumnus sub frigora, cum rapidus Sol
 nondum hiemem contingit equis, iam praeterit aestas.
 Ver adeo frondi nemorum, ver utile silvis;
 vere tument terrae et genitalia semina poscunt.
 Tum pater omnipotens fecundis imbribus Aether [325]
 coniugis in gremium laetae descendit et omnis
 magnus alit magno commixtus corpore fetus.

Avia tum resonant avibus virgulta canoris
et Venerem certis repetunt armenta diebus;
parturit almus ager Zephyrique tepentibus auris [330]
laxant arva sinus; superat tener omnibus humor;
inque novos soles audent se germina tuto
credere, nec metuit surgentis pampinus austros
aut actum caelo magnis aquilonibus imbrem,
sed trudit gemmas et frondes explicat omnis. [335]
Non alios prima crescentis origine mundi
inluxisse dies aliumve habuisse tenorem
crediderim: ver illud erat, ver magnus agebat
orbis et hibernis parcebant flatibus Euri,
cum primae lucem pecudes hausere virumque [340]
terrea progenies duris caput extulit arvis,
inmissaeque ferae silvis et sidera caelo.
Nec res hunc tenerae possent perferre laborem,
si non tanta quies iret frigusque caloremque
inter, et exciperet caeli indulgentia terras. [345]
Quod superest, quaecumque premes virgulta per agros,
sparge fimo pingui et multa memor occule terra,
aut lapidem bibulum aut squalentis infode conchas;
inter enim labentur aquae tenuisque subibit
halitus atque animos tollent sata; iamque reperti, [350]
qui saxo super atque ingentis pondere testae
urgerent; hoc effusus munimen ad imbris,
hoc, ubi hiulca siti findit canis aestifer arva.
Seminibus positis superest diducere terram
saepius ad capita et duros iactare bidentis, [355]
aut presso exercere solum sub vomere et ipsa
flectere luctantis inter vineta iuvenços;
tum levis calamos et rasae hastilia virgae
fraxineasque aptare sudas furcasque valentis,
viribus eniti quarum et contemnere ventos [360]

adsuescant summasque sequi tabulata per ulmos.

Ac dum prima novis adolescit frondibus aetas,
 parcendum teneris, et dum se laetus ad auras
 palmes agit laxis per purum inmissus habenis,
 ipsa acie nondum falcis temptanda, sed uncis [365]
 carpendae manibus frondes interque legendae.

Inde ubi iam validis amplexae stirpibus ulmos
 exierint, tum stringe comas, tum bracchia tonde—
 ante reformidant ferrum—tum denique dura
 exerce imperia et ramos conpesce fluentis [370]
 Texendae saepes etiam et pecus omne tenendum,
 praecipue dum frons tenera inprudensque laborum;
 cui super indignas hiemes solemque potentem
 silvestres uri adsidue capreaeque sequaces
 inludunt, pascuntur oves avidaeque iuvencae. [375]

Frigora nec tantum cana concreta pruina
 aut gravis incumbens scopulis arentibus aestas,
 quantum illi nocuere greges durique venenum
 dentis et admorso signata in stirpe cicatrix.

Non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris [380]
 caeditur et veteres ineunt proscaenia ludi
 praemiaque ingeniis pagos et compita circum
 thesidae posuere atque inter pocula laeti
 mollibus in pratis unctos saluere per utres.

Nec non Ausonii, Troia gens missa, coloni [385]
 versibus incomptis ludunt risuque soluto
 oraque corticibus sumunt horrenda cavatis
 et te, Bacche, vocant per carmina laeta tibi que
 oscilla ex alta suspendunt mollia pinu.

Hinc omnis largo pubescit vinea fetu, [390]
 complentur vallesque cavae saltusque profundi,
 et quocumque deus circum caput egit honestum.

Ergo rite suum Baccho dicemus honorem

carminibus patriis lancesque et liba feremus
et ductus cornu stabit sacer hircus ad aram [395]
pinguiaque in veribus torrebimus exta columnis.
Est etiam ille labor curandis vitibus alter,
cui numquam exhausti satis est: namque omne quot annis
terque quaterque solum scindendum glebaque versis
aeternum frangenda bidentibus, omne levandum [400]
fronde nemus. Redit agricolis labor actus in orbem
atque in se sua per vestigia volvitur annus.
Ac iam olim, seras posuit cum vinea frondes,
frigidus et silvis aquilo decussit honorem,
iam tum acer curas venientem extendit in annum [405]
rusticus et curvo Saturni dente relictam
persequitur vitem attondens fingitque putando.
Primus humum fodito, primus devecta cremato
sarmenta et vallos primus sub tecta referto;
postremus metito. Bis vitibus ingruit umbra, [410]
bis segetem densis obducunt sentibus herbae;
durus uterque labor: laudato ingentia rura,
exiguum colito. Nec non etiam aspera rusci
vimina per silvam et ripis fluvialis arundo
caeditur, incultique exercet cura salicti. [415]
Iam vinctae vites, iam falcem arbusta reponunt,
iam canit effectos extremus vinitor antes:
sollicitanda tamen tellus pulvisque movendus
et iam maturis metuendus Iuppiter uvis.
Contra non ulla est oleis cultura; neque illae [420]
procurvam exspectant falcem rastrosque tenacis,
cum semel haeserunt arvis aurasque tulerunt;
ipsa satis tellus, cum dente recluditur unco,
sufficit humorem et gravidas, cum vomere, fruges.
Hoc pinguem et placitam Paci nutritor olivam. [425]
Poma quoque, ut primum truncos sensere valentis

et viris habuere suas, ad sidera raptim
 vi propria nituntur opisque haud indiga nostrae.
 Nec minus interea fetu nemus omne gravescit
 sanguineisque inculta rubent aviaria bacis. [430]
 Tondentur cytisi, taedas silva alta ministrat,
 pascunturque ignes nocturni et lumina fundunt.
 Et dubitant homines serere atque impendere curam?
 Quid maiora sequar?—salices humilesque genestae
 aut illae pecori frondem aut pastoribus umbram [435]
 sufficiunt saepemque satis et pabula melli—
 et iuvat undantem buxo spectare Cytorum
 naryciaeque picis lucos, iuvat arva videre
 non rastris, hominum non ulli obnoxia curae.
 Ipsae Caucasio steriles in vertice silvae, [440]
 quas animosi Euri adsidue franguntque feruntque,
 dant alios aliae fetus, dant utile lignum
 navigiis pinus, domibus cedrumque cupressosque.
 Hinc radios trivere rotis, hinc tympana plaustis
 agricolae et pandas ratibus posuere carinas, [445]
 viminibus salices fecundae, frondibus ulmi,
 at myrtus validis hastilibus et bona bello
 cornus, Ituraeos taxi torquentur in arcus.
 Nec tiliae leves aut torno rasile buxum
 non formam accipiunt ferroque cavantur acuto. [450]
 Nec non et torrentem undam levis innatat alnus,
 missa Pado; nec non et apes examina condunt
 corticibusque cavis vitiosaeque ilicis alvo.
 Quid memorandum aequae Baccheia dona tulerunt
 Bacchus et ad culpam causas dedit; ille furentis [455]
 centauros leto domuit, Rhoetumque Pholumque
 et magno Hylaeum Lapithis cratere minantem.
 O fortunatos nimium, sua si bona norint,
 agricolas! quibus ipsa procul discordibus armis

fundit humo facilem victum iustissima tellus. [460]
Si non ingentem foribus domus alta superbis
mane salutantum totis vomit aedibus undam,
nec varios inhiant pulchra testudine postis
inlusasque auro vestes Ephyreiaque aera,
alba neque Assyrio fucatur lana veneno [465]
nec casia liquidi corrumpitur usus olivi:
at secura quies et nescia fallere vita,
dives opum variarum, at latis otia fundis—
speluncae vivique lacus et frigida Tempe
mugitusque boum mollesque sub arbore somni— [470]
non absunt; illic saltus ac lustra ferarum
et patiens operum exiguoque adsueta iuventus,
sacra deum sanctique patres; extrema per illos
iustitia excedens terris vestigia fecit.
Me vero primum dulces ante omnia Musae, [475]
quarum sacra fero ingenti percussus amore,
accipiant caelique vias et sidera monstrent,
defectus solis varios lunaeque labores;
unde tremor terris, qua vi maria alta tumescant
obicibus ruptis rursusque in se ipsa residant, [480]
quid tantum Oceano properent se tinguere soles
hiberni, vel quae tardis mora noctibus obstet.
Sin, has ne possim naturae accedere partis,
frigidus obstiterit circum praecordia sanguis:
rura mihi et rigui placeant in vallibus amnes, [485]
flumina amem silvasque inglorius. O ubi campi
Spercheosque et virginibus bacchata Lacaenis
Taygeta? O, qui me gelidis convallibus Haemi
sistat et ingenti ramorum protegat umbra?
Felix, qui potuit rerum cognoscere causas, [490]
atque metus omnis et inexorabile fatum
subiecit pedibus strepitumque Acherontis avari!

Fortunatus et ille, deos qui novit agrestis,
 Panaque Silvanumque senem Nymphasque sorores!
 illum non populi fascēs, non purpura regum [495]
 flexit et infidos agitans discordia fratres
 aut coniurato descendens Dacus ab Histro,
 non res Romanae perituraque regna; neque ille
 aut doluit miserans inopem aut invidit habenti.
 Quos rami fructus, quos ipsa volentia rura [500]
 sponte tulere sua, carpsit nec ferrea iura
 insanumque forum aut populi tabularia vidit.
 sollicitant alii remis freta caeca ruuntque
 in ferrum, penetrant aulas et limina regum;
 hic petit excidiis urbem miserosque Penatis, [505]
 ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro;
 condit opes alius defossoque incubat auro;
 hic stupet attonitus rostris; hunc plausus hiantem
 per cuneos—geminatus enim plebisque patrumque—
 corripuit; gaudent perfusi sanguine fratrum, [510]
 exsilioque domos et dulcia limina mutant
 atque alio patriam quaerunt sub sole iacentem.
 Agricola incurvo terram dimovit aratro:
 hinc anni labor, hinc patriam parvosque nepotes
 sustinet, hinc armenta boum meritosque iuvenco. [515]
 Nec requies, quin aut pomis exuberet annus
 aut fetu pecorum aut cerealis mergite culmi,
 proventuque oneret sulcos atque horrea vincat.
 Venit hiems: teritur Sicyonia baca trapetis,
 glande sues laeti redeunt, dant arbuta silvae; [520]
 et varios ponit fetus autumnus et alte
 mitis in apricis coquitur vindemia saxis.
 Interea dulces pendent circum oscula nati,
 casta pudicitiam servat domus, ubera vaccae
 lactea demittunt pinguesque in gramine laeto [525]

inter se adversis luctantur cornibus haedi.
Ipse dies agitat festos fususque per herbam,
ignis ubi in medio et socii cratera coronant,
te libans, Lенае, vocat pecorisque magistris
velocis iaculi certamina ponit in ulmo, [530]
corporaque agresti nudant praedura palaestrae.

Hanc olim veteres vitam coluere Sabini,
hanc Remus et frater, sic fortis Etruria crevit
scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma,
septemque una sibi muro circumdedit arces. [535]

Ante etiam sceptrum Dictaei regis et ante
inpia quam caesis gens est epulata iuvenis,
aureus hanc vitam in terris Saturnus agebat;
necdum etiam audierant inflari classica, necdum
inpositos duris crepitare incudibus enses. [540]

Sed nos immensum spatii confecimus aequor,
et iam tempus equum fumantia solvere colla.

¹ No original: « Mais, pour suivre ma route, il m'a toujours semblé qu'en la poésie Virgile, Lucrèce, Catulle et Horace tiennent de bien loin le premier rang : et signifiant Virgile en ses *Géorgiques*, que j'estime le plus accompli ouvrage de la poésie; à la comparaison duquel on peut reconnaître aisément qu'il y a des endroits de l'*Enéide* auxquels l'auteur eût donné encore quelque tour de peigne, s'il en eût eu loisir. »

² Para um trabalho sobre o jogo alusivo de Virgílio nas digressões existentes no Livro II das *Geórgicas*, cf. SILVA, 2010.

³ Ao mesmo tempo, por questões métricas, certas opções de tradução nem sempre são as mais precisas em termos morfosintáticos, como quando proponho “de um alto pinheiro” para verter a expressão *ex alta pinu* (v. 389), mais corretamente traduzível por “do alto do pinheiro”. Essa liberdade me oferece a possibilidade de explicitar certos jogos potencialmente contidos no original latino, como quando Virgílio encaminha a conclusão de *Geórgicas 2* com uma referência à palavra *classica* (v. 539), aludindo ao sinal de guerra dado pela corneta no campo de batalha, mas que em minha tradução aparece em seus sentidos futuros (em termos de classe, educação e literatura), na escolha da expressão de valor metalinguístico: “classicamente”.

⁴ Agradeço pela leitura e pelas sugestões preciosas de editores e pareceristas da revista *Belas Infêis*. Quaisquer problemas que subsistam na versão final deste trabalho são de minha inteira responsabilidade.